

## Uma Agenda à Escala do Mundo

Fomos todas ambiciosas quando conversei com a Equipa Coordenadora ao tentar abordar ou enunciar sequer o problema de uma Agenda à Escala do Mundo, mas parece-me que há uma justificação nisso e uma tentativa de explicação no porquê de eu dizer isto e que acho que é um ponto de partida que seria de referir aqui.

É claro que esta dimensão que hoje abordamos nesta primeira parte da Assembleia é uma dimensão constante da vida do Graal. É uma dimensão constante de repensar o mundo, de tentar auscultar o que se está a passar no mundo a tentar daí sair alguma coisa para a nossa vida individual e sobretudo para a nossa vida em conjunto, para o significado que em conjunto temos ou podemos ter para nós próprias, para os outros, para a sociedade.

Um dos aspectos que me impressiona imenso nestes últimos dois anos e especialmente nos últimos meses, é o fenómeno que eu considero espectacular, radical, que é a passagem dum discurso moral, dum discurso valorativo, dum discurso empenhado, das discussões individuais para as plataformas internacionais.

Num documento recente de um Chileno que é responsável por uma das Conferências das Nações Unidas que terão lugar em 1995, ele ao fazer a análise do que os 180 países presentes num comité preparatório disseram, diz <sup>o</sup>o debate, acentuou antes de mais o enorme custo da inacção<sup>2</sup> e eu acho que logo em seguida está um apelo que poderia ser repercutido e isto seria um estudo muito interessante de ver que estrutura linguística isto representa (e todas as pessoas que sabem linguística sabem como é que isto se faz), isto representa uma série de harmónica que estão nos vários documentos que referem isto mesmo: qual é o custo, neste momento, da inacção? Permanecer, deixar as coisas estarem como elas estão, de permanecer <sup>3</sup>de braços cruzados<sup>2</sup> como nós dizemos coloquialmente.

E, paralelo a isto, vem o sentimento também expresso em documentos oficiais que diz isto: do mesmo modo que durante décadas fervemos de indignação contra a violação dos direitos humanos, contra o <sup>3</sup>apartheid<sup>2</sup>, contra a ausência de liberdade em grandes manchas do mapa do mundo, hoje temos que nos levantar com indignação face àquilo que é a violação mais radical dos direitos humanos que é o impedir a própria vida.

E o impedir a própria vida é o quê? Queria aconselhar para todas (acho que está traduzido em português neste momento e os próprios números falam, o Relatório do Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento deste ano. A certa altura, cheio de dados, de mapas, de números, etc., o que é que a gente encontra? A gente encontra que numa população que é neste momento de 5 biliões e 600 milhões de pessoas e que será no ano 2000 de 6 biliões de pessoas, nós temos, neste momento, um bilião e 300 milhões abaixo do nível da pobreza, isto é, são pessoas que não vivem, sobrevivem. Sobrevivem como ainda há três semanas nas Filipinas, fui como toda a gente e como é óbvio, visitar a <sup>3</sup>smoking mountain<sup>2</sup> a montanha onde até aqui se acumulavam todos os detritos da cidade, todo o lixo da cidade de Manila que tem 12 milhões de habitantes, portanto o lixo todo de Portugal mais um bocadinho e aí nesse lixo que se tornou uma montanha e donde constantemente nascem toda a espécie de cheiros e de emanações gasosas, de tal ordem que as crianças que nasceram, vivem e trabalham nessa zona porque desde muito pequenos começam a recolher aquilo que há ainda de aproveitável na *smoking mountain*, as crianças aos 8 anos têm já o cérebro em condições tais que não atingirão nunca o nível de normalidade, não conseguirão nunca atingir a idade adulta.

Em 12 milhões de habitantes há cerca de 4 milhões na cidade de Manilla que vivem nessas condições. Digo Manilla, mas podia dizer outra qualquer cidade do mundo, podia dizer Lagos na Nigéria, ou podia dizer Deli onde também estive este ano, na Índia, onde à saída da igreja vi uma mulher que eu pensei ser da minha idade com um bebé nas mãos Perguntei-lhe através do padre se era neto dela porque julguei que era alguém da minha idade e ela respondeu que não, que era o filho e ela, que eu julguei da minha idade, tinha 29 anos. Tinha claro já a pele, tudo, era uma velha e a criança tinha as pernas da largura do meu dedo. Fiz aquilo que qualquer pessoa faria, tentar acudir imediatamente, dar alguma coisa. Do chão brotaram mais de 20 mulheres com criancinhas naquele estado e atravessando depois a cidade, percorrendo a cidade, dos dois lados, as pessoas que estão registadas oficialmente como os habitantes da rua, são os *pavement dwellers* que vivem debaixo de uma tenda, uma tenda das mais pequenas, onde uma pessoa tem que entrar dobrada. É aí que vivem, é aí que nascem os filhos, aí que as pessoas se casam, é aí que tudo acontece e, claro, quando vem uma grande chuva tudo aquilo é destruído e as pessoas continuam. Isto não é um ou dois que encontramos aqui ou além, isto é a situação de um bilião e trezentos milhões de pessoas.

E depois há outros números e alguns deles são coincidentes, é óbvio, um bilião e trezentos milhões não têm acesso a água potável e um bilião e novecentos milhões, o quer dizer praticamente dois biliões de pessoas, não têm acesso a instalações sanitárias. Portanto o que é a higiene, as condições mínimas de sobrevivência?

E isto que sempre veio em todos os relatórios possíveis e imaginários e que ia parar à secretária dos funcionários públicos nacionais e internacionais e toda a vida os deixou mais ou menos indiferentes, o que eu encontro de novo e é paralelo a esse sentido do custo da inacção, é uma enorme revolta, uma enorme indignação naqueles mesmos que tradicionalmente só funcionavam com os números, como se por detrás dos números não estivessem desgraças humanas e não estivesse uma destituição, uma miséria absolutamente radical e a tal ponto que, é justamente isso que se diz hoje, hoje do mesmo modo que nós vibramos com a violação da liberdade, hoje vibramos com essa violação daquilo que é o direito essencial à vida.

Por isso quando se fala do direito à vida e de uma política para a vida, uma política para a vida é essa que permita àqueles que vivem abaixo do que é o mínimo decente da vida humana a possibilidade de, ao menos, poderem pensar no amanhã com alguma certeza, com alguma segurança.

Ora a agenda do mundo, e é muito interessante ver isso, está não só presente em expressões como as que citei, mas está presente no próprio encadear dos acontecimentos internacionais e eu vou cingir-me só às Nações Unidas porque de certa maneira são uma forma institucional de vermos correntes que estão de certa maneira disseminadas em outras *fora* e em outras situações.

É muito interessante que desde 92 até 96 se desenrolam uma série de conferências muito importantes das Nações Unidas. Não são os seminários, mais ou menos interessantes, a que as pessoas vão e participam, mas as conferências das Nações Unidas são uma ideia que por todos os anos 70 e depende do seu da altura são uma continuidade da Assembleia Geral das Nações Unidas. Há tópicos que vêm da Assembleia Geral e considero que esses tópicos são tão importantes, são aspectos tão importantes da Agenda, que é preciso realizar como que uma Assembleia Geral Extraordinária sobre isso.

São a essas Assembleia Extraordinárias que se chamam as Conferências da ONU, que nos anos 60 praticamente não houve nenhuma, nos anos 70 houve três, nos anos 80 isso já foi acelerando e então este início dos anos 90 é impressionante e é sobre isso que eu gostava de fornecer alguns dados.

A primeira desta série de que ouvimos falar imenso, foi em 92 no Rio, a Conferência da ONU sobre Ambiente e Desenvolvimento. Vou dizer o que parece ser fruto da interrogação que aí nasceu e qual foi a coisa nova que daí brotou. Foi uma conferência muito interessante, algumas de vocês debruçaram-se sobre a chamada *Agenda de 21* que contém as acções possíveis e necessárias a nível local, nacional e internacional e tudo isso que precisaria de uma concretização muito maior foi acordado pelos Estados membros, pelos vários países, mas permanece numa fase quase de limbo, isto é, nós não temos sequer a possibilidade ainda de a traduzir em acções e de ser posta em prática. E porquê? É essa uma das interrogações que percorre a agenda internacional e que é essa: porque é que quando se decide alguma coisa, essa coisa não é executada?

E a gente aí até reconhece muitas coisas da nossa vida quotidiana, não é? Agora multipliquem isso por 6 biliões e terão o panorama do mundo. A gente decide, a gente concorda, a gente explica e nada acontece.

Foi muito curioso, este ano antes da Cimeira dos chefes dos países industrializados, em Nápoles, o Mitterrand deu uma conferência na Unesco em que falou de desenvolvimento. Entre outras coisas muito interessantes disse <sup>3</sup>é preciso, é indispensável dizer aos países desenvolvidos, que o desenvolvimento é um aspecto constante da sua agenda internacional. É indispensável que não saia da agenda dos 7 países industrializados a questão do desenvolvimento, é indispensável impor aos 7 países industrializados a ajuda aos países pobres<sup>2</sup>.

Ora o próprio Mitterrand ia participar dentro de 5 dias nessa dita Cimeira. Para quem estava ele a falar? A quem estava ele a dizer que era preciso obrigar os 7 países industrializados a tomarem essa decisão?

Foi a afirmação mais clara da total inoperância dessa instituição, entre muitas outras.

Daí que aquilo que eu hoje estou a dizer possa ser também objecto de um encolher de ombros mental porque é possível que nada disto conduza a coisa nenhuma, mas a inacção que se denuncia e que é preciso vencer é a inacção, em primeiro lugar, que não é capaz de traduzir na prática aquilo que é pensado, formulado e decidido.

Isto vem a propósito do Rio, que é a situação mais flagrante desta conferência das Nações Unidas. Esta conferência, para além dessa *Agenda Para o Século 21* deixou de pé essa questão.

Nós sabemos que há, no nosso país, à nossa volta, nas nossas situações, em termos de ambiente situações em que o ambiente fica comprometido seja a vida de um rio, seja a atmosfera, sejam as árvores e a floresta e dizemos (é o acordo existente actualmente na Europa) quem provoca uma situação destas tem que pagar. É o princípio fundamental do poluidor que paga. Simplesmente, por exemplo, o rio Reno na Alemanha está poluído e levará, se for possível (o que ainda não se sabe), levará a retomar vida, nada menos que 100 anos. Isto é, há situações que são de tal ordem que são realmente irreversíveis dentro daquilo que nos é dado ver e viver e daí que actualmente se ponha a questão:

Mas possivelmente antes de uma fábrica que atira para um rio ou que atira para uma lixeira resíduos que não têm possibilidade de ser reciclados ou reutilizados ou retransformados, possivelmente a única solução é dizer: <sup>3</sup>parem com essa fábrica<sup>2</sup>.

Mas imediatamente alguém dirá: <sup>3</sup>e o crescimento económico? E o emprego?<sup>2</sup>

Ora isto é a grande questão que ficou de pé com a conferência do Rio e que em linguagem dos economistas se diz: <sup>3</sup>como é que se pode internalizar os custos da salvaguarda do ambiente na equação económica?<sup>2</sup> Isto é, não pensar que faz-se a fábrica, realiza-se a poluição e depois vai-se tentar fazer qualquer coisa para consertar o que está mal e nessa altura custa dinheiro. Isso é ficar de fora da equação da produção. E isto significa <sup>3</sup>não é dizer tecnicamente como internalizar os custos do ambiente<sup>2</sup> é no fundo fazermos esta interrogação <sup>3</sup>Como reorientar a economia?<sup>2</sup> Como tornar a economia alguma coisa que está ao serviço do humano e que está ao serviço da vida.

E se vocês repararem nas notícias do quotidiano, se repararem naquilo que realmente aparece como saldo de vida política e a indicação de como vivem as sociedades, verificam que ao longo dos últimos anos tem havido um acréscimo cada vez maior dos indicadores quantitativos económicos. É o crescimento, é a possibilidade de poupança, o que não quer dizer que isto não é importante. Eu seria a última pessoa a acentuar quantas pessoas ainda não têm nada, mas o que está presente é que a economia aparece como tendo um valor por si mesma, sendo o objectivo último, sendo a economia ao serviço das pessoas e não o contrário.

Ora, mas isto que aqui em Portugal se disse nos anos 70 e em parte dos anos 80, hoje (e isso é que é a meu ver a grande novidade) diz-se no plano internacional. Essa gente toda que trabalha em organismos internacionais (em Julho houve um simpósio em Helsinquia da Universidade das Nações Unidas que eu presido e em colaboração com a -----Internacional do Trabalho, sobre a questão do emprego.

Quando chegámos a esta questão muito concreta do reorientar a economia, eu via ali à minha volta praticamente quase só economistas e mais de 150 pessoas, toda a gente estava de acordo que era preciso pôr a economia ao serviço das pessoas mas não há dúvida, falta-nos um instrumento teórico. Não há ideias, não há teorias novas, daí uma grande interrogação que fica de pé. Não só a vontade política de reorientar a economia, mas também a capacidade nova e intelectual da humanidade, de descobrir uma nova economia.

Nós estamos a funcionar com teorias económicas do século passado. Ora se nós na nossa própria vida já nos demos conta de transformações tão radicais, como é que é possível pensar que uma economia construída para

o modo de viver de há 100 anos continua ainda a gerir e a regular o nosso funcionamento em conjunto? Esta interrogação fica de pé e atravessa tudo o que vou dizer a seguir, como vão ver, mas o Rio teve ainda um aspecto muito importante.

Não foi só dar às questões do ambiente o lugar chave na nossa compreensão da vida na terra, foi uma transformação de ordem filosófica muito importante no sentido de que a terra tem limites, todos os processos têm limites e portanto a realidade messiânica ao nível temporal é uma ilusão, se existe alguma coisa messiânica, esse messianismo situa-se a outro nível, extra-temporal, e que não é o da sequência dos actos humanos individuais e colectivos.

E daí o que é a preocupação dos limites, o que é a noção de limite que vem tocar tudo. Vem tocar a nossa própria vida psicológica, vem tocar o nosso relacionamento inter-pessoal e a nossa construção da cidade humana. Uma noção clara de que tudo é limitado e de que o limite é um horizonte, não para dizermos então vamos fazer recuar tudo. É um limite tal em que o horizonte é sempre longínquo, no entanto existe. E que há paradoxalmente situações, situações que são conduzidas pela materialidade do pensamento e das opções, são aquelas em que facilmente se rebenta e se agride esse horizonte.

Paralelamente a essa noção de limite, irrompeu um novo direito, um direito evidente que, é óbvio que só é novo na medida em que foi formulado assim, se justamente esta noção tão evangélica de que estamos neste planeta para sermos intendentos dos bens que nos são dados e não como possuidores desses bens, aí surgem realmente os direitos das gerações futuras.

O proteger a terra, o tentar que a terra não faça rebentar esse horizonte não é só para proteger a própria vida é, em primeiro lugar para garantir que a vida seja possível hoje e amanhã. Para que ----- tal como encontrámos este universo intacto, também as gerações futuras o encontrem intacto.

Evidentemente que há algumas pessoas que dizem, os cínicos da história, que dizem sempre "mas grandes transformações biológicas operaram-se por grandes cataclismos, portanto deixemos os cataclismos funcionar". Bom, não preciso de argumentar porque é que este raciocínio não nos parece justo nessa noção de intendência dos bens que nos são confiados.

A interrogação sobre a realização da economia, uma aquisição dum lugar importante do ambiente, dos limites filosoficamente ----- da terra e, do ponto de vista dos direitos e da moral, os direitos das gerações futuras. Depois em 1993, teve lugar uma outra conferência em Viena, uma conferência das Nações Unidas, que foi sobretudo uma conferência sobre os direitos humanos.

Aqui foi uma reunião com muito menos ênfase do que tinha sido a de 92, mas que trouxe à superfície essa enorme interrogação nascida não da filosofia mas da economia (vejam só como a economia conduz as coisas) foi essa interrogação "será que os direitos são universais ou os direitos do homem apesar da Declaração Universal dos Direitos do Homem, os direitos humanos, digamos assim, de facto não são importantes? São a imanação da cultura ocidental e afinal outros países, outros continentes, outras religiões terão os seus direitos próprios? Como é que isto surge?

Isto surge obviamente no confronto entre os países ocidentais, no nosso em particular por exemplo com a nossa indústria têxtil a fugir para as Filipinas, para a Coreia do Sul, para a Tailândia, e por vias indirectas até para a Indonésia onde se fazem neste momento, soube eu há poucos dias, tapetes de Arraiolos muito mais baratos do que os nossos evidentemente, porque não há tecto salarial e porque há justamente em todos os países asiáticos uma noção do trabalho humano completamente diferente daquela que existe na Europa e, até certo ponto nos Estados Unidos, embora as leis nos Estados Unidos sejam, como sabem, ainda muito incompletas, muito primitivas nestes domínios.

E o Ocidente ao tentar salvaguardar a sua economia aponta para os direitos, aponta justamente "mas é indispensável porque se continuarem a não dar férias aos trabalhadores, que um dia de trabalho tenha 14 ou 16 horas, que as pessoas estejam como estavam na Europa no princípio da industrialização, estejam todas acampadas dentro de um espaço onde vivem e só vão uma vez por mês a casa, etc., se assim for, evidentemente que não há competição possível, o Ocidente fica completamente perdido".

E dizem "isto não é possível, não é certo, não é correcto, porque há os direitos dos homens. E o que é muito interessante é os países asiáticos virem dizer que não, que esses direitos, ao fim e ao cabo, são os direitos originados na civilização ocidental que não tem nada que ver com aquilo que se passa no Oriente.

E realmente quando a gente examina e conhece um pouco o modo como o trabalho se organiza nos países orientais, evidentemente que verifica de facto que há aí outras leis, outras regras e fica de pé esta interrogação "como é que vamos lidar com os direitos, apesar de tudo, num planeta que justamente porque é limitado, para sobreviver tem de ser solidário. E não só em termos económicos, mas em termos da própria dignidade das pessoas envolvidas nessas novas economias".

Porque, por exemplo, para invocar uma outra grande cidade, numa zona de grande produtividade, de grande competitividade internacional, que é chamada a zona económica especial da China que é a cidade de Xangai (cidade de Xangai de que falei há bocado no facto de cerca de 2 biliões de pessoas não terem instalações sanitárias) onde 12 biliões de pessoas não têm, excepto nos edifícios moderníssimos, não tem instalações sanitárias. Desculpem a crueza daquilo que vou dizer mas os resíduos domésticos são recolhidos pela manhã, por mulheres com grandes carretas e são depois despejados no rio. O que significa que sobre a cidade paira uma nuvem e quando se passa diante das casas normais, não dos hotéis muito bons onde a gente fica e ocidentais, é um cheiro nauseabundo, como era nas cidades europeias durante a Idade Média. Só que as nossas cidades eram cidades de algumas centenas de milhar de habitantes, talvez Paris e Milão e poucas mais. Ora essas condições, como é que a gente as vai transformar sem que isto seja a consequência duma guerra económica de protecção a uma certa forma de realizar a economia e a produção?

Como é que vamos dizer aqui direitos humanos universais?

E como é que eles se vão construir e de que modo é que eles se vão traduzir? Esta é a interrogação que fica de pé.

Parece-me que este é um aspecto muito importante: tal como no Rio ficaram os direitos das gerações futuras, de Viena ficaram e isto parece ser uma coisa que não tem nada de novo mas é importantíssimo, ficaram os

direitos das mulheres enquanto direitos humanos.

Isto é a questão toda relativa a todos os direitos das mulheres, à integridade do seu corpo, a salário igual para trabalho igual, à sua independência económica, à sua possibilidade de autonomia enquanto ser humano, tudo isso não é um mais, não é um acrescento aos direitos humanos, mas é uma parte muito grande dos direitos humanos.

Claro que nós estamos ainda muito longe de termos os direitos das mulheres completamente integrados nos direitos humanos, e é costume falar nos países árabes sobretudo aqui é talvez a noção muito clara de algumas das violações dos direitos das mulheres mas não há apenas os países árabes. A invisibilidade com que se cobre as mulheres mesmo no mundo ocidental e aquilo que é uma marginalização das mulheres na vida ocidental é também uma violação dos seus direitos. Evidentemente ao falar de direitos temos que falar também de deveres e de responsabilidades e penso que essa tem sido uma das tónicas a que voltarei a bocado, ao longo de todo este processo das Nações Unidas.

E com isto chega-se à conferência que teve lugar este verão, a conferência de 1994 do Cairo, sobre População e Desenvolvimento.

O que foi muito interessante nesta conferência foi verificar que uma conferência que estava na base de dados demográficos, isto é do crescimento da população, da sua distribuição nos territórios e do seu movimento entre zonas e entre fronteiras de estado e nação, deixou de ser como era até aí o domínio dos demógrafos, para passar a ser uma preocupação muito maior do próprio desenvolvimento.

E a questão que se pôs foi saber como é que o desenvolvimento pode responder às questões que os problemas de população levantam. O que é que se quer dizer com isto?

Uma questão muito simples: está hoje muito claro, é hoje inequívoco que a taxa de fertilidade das mulheres durante o seu período de fertilidade é função da educação das mulheres, do tempo que estiveram na escola e do seu acesso ao trabalho remunerado, ao emprego, a uma actividade que tem um reconhecimento social. Isso verifica-se não só de país a país, mas dentro das mesmas zonas.

Foi muito interessante em Abril, quando estava no encontro em Delli, ver a comparação que faziam os indianos e as pessoas oriundas do SriLanka. O SriLanka é um país tão pobre como a Índia em rendimento per capita, mas onde a educação das mulheres, em parte porque uma primeira-ministra, viúva por seu turno de um primeiro-ministro, a Sra. -----, nos anos 60 e 70, estabeleceu um sistema muito interessante de educação, compulsiva se pode dizer, para todas as raparigas e isto imediatamente fez descer a taxa de fertilidade.

E na própria Índia, um estado que nem sequer é mais rico que os outros (é um dos estados médios em riqueza) em que as mulheres são escolarizadas a uma percentagem de 92%, a taxa de fertilidade é uma taxa de 2,5 (a taxa média só para substituição é de 2,1) enquanto que no resto da Índia é de 5,5.

Isto é, o resto da Índia que tem uma percentagem de mulheres não escolarizadas de mais de 40%, mostra afinal constantemente essa relação entre os números da escolaridade e os da taxa de natalidade.

Daqui a coisa muito óbvia de se dizer que então o que é importante para uma estabilidade, para o não crescimento da população dessa maneira que é justamente aumentar o número de pobres, o que é indispensável é criar sistemas educativos que permitam o acesso de todas as mulheres.

Eu quero dizer o que talvez devesse ter dito no início em relação ao Cairo. A importância desta reflexão é só esta: com o dinamismo da população que já existe e com o peso dos jovens de menos de 15 anos e também de menos de 24 anos, isto é de todos aqueles que entram agora no período da fertilidade, a população do mundo, para as mais novas que aqui estão (até aos 45-50 anos) na vossa vida vocês terão no mundo mais 3 biliões de pessoas. isto é, chegar-se-á de facto aos 9 biliões de pessoas. E 9 biliões de pessoas ninguém sabe como pode acomodar-se.

Se virmos aquela zona toda do norte de África, já não tem água subterrânea, portanto como é que se vai obter água? Para além de que os desertos não produzem nada e que as ovelhas comem o topo das árvores, porque já não há sequer erva, visto que assim que se começa a descarnar as florestas desaparece o húmus fundamental e ao desaparecer esse húmus evidentemente as terras desertificam-se.

E este ciclo que, evidentemente, em África tem sido fortíssimo - o deserto avança 5 Km por ano - está presente também noutros continentes. É evidente que se por exemplo pensarmos no Brasil ou na Argentina, extensões enormes poderiam ter mais gente. Mas ter mais gente como? Nas condições que em têm actualmente? O Brasil com 60% da população vivendo pobremente? O Brasil que tem 20% de pessoas lá em cima nos rendimentos, 20% cá em baixo e a distância é o salário médio dos 20% de cima é 32 vezes o salário dos que estão cá em baixo? Como é que é? É isto que nós queremos?

O problema que se põe não é um problema de mais pessoas menos pessoas. O problema é: queremos ou não que as pessoas vivam dignamente? Ou queremos que as crianças, como no Rio onde estive em Agosto? Nessa altura queria absolutamente ir a uma favela. Nenhum brasileiro me deixou entrar numa favela. Mesmo nesses dias em que estive no Rio, o tiroteio entre favelas, entre morros, era constante por causa da droga. São grandes cartéis da droga, com tudo o que há de armamento não só espingardas porque isso qualquer pessoa pode comprar mas armamento militar.

Como é que é? É isto que se quer? O problema hoje é por isso não só um problema de dizermos como é que ser, é um problema da gestão do que vai ser este mundo.

E se já hoje, o que causa imensa confusão, desde 89 até agora, desde a queda do Muro de Berlim até agora e nessa altura vocês lembram-se, falava-se muito do dividendo da paz, isto é como é que vamos redistribuir os benefícios dessa paz, sabem quantas guerras houve? 83 das quais 79 foram dentro do mesmo país, só 4 é que foram entre vizinhos, tudo o resto foram explosões dentro do mesmo país.

E hoje está perfeitamente assente que o problema do Ruanda foi antes de mais um problema de sobrepopulação e que a taxa de natalidade é de 8,4 por mulher.

Evidentemente, reparem, se é uma sociedade rural, os pais têm uma terra, têm 10 filhos ou 15 filhos, divide-se a terra por esses 15, esses outros tantos têm 10, têm 12, no fim quem é que tem alguma coisa para comer? E não podemos deixar de olhar para o mundo também neste tempo mais ---- para tentar ver o que é que isto significa. E depois da educação relativamente às mulheres, mas e é outro aspecto também interessantíssimo nesta

preparação toda do Cairo e portanto discutido pelo mundo fora é que há nos países chamados sujeitos às chamadas políticas de população, especialmente governamental em grande parte da Índia que é onde se pode aprender imensa coisa e outros países que não foram de forma governamental mas que deixaram a porta aberta a agências internacionais e entidades privadas que foi o caso do Brasil.

Na Índia têm as mulheres esterilizadas a 50%, no Brasil têm as mulheres esterilizadas a 40%, e esterilizadas como? Têm um filho, vão ao hospital e nem lhe perguntam o que é que quer, ligadas as trompas, pronto.

E aparecem mulheres como uma que foi testemunhar ao Cairo que foi ter o filho ao hospital, que nunca disse a ninguém que seria esterilizada e quando deu conta estava mesmo esterilizada. Isto é uma arquitecta que depois soube pôr o caso em tribunal, mas é claro não pôde voltar atrás. Agora quantas mulheres, e são milhões, que ficaram esterilizadas por acção do governo como foi na Índia, ou por acção de entidades estrangeiras.

O que tenho ouvido por essas regiões é uma imensa revolta, revolta contra tudo o que é internacional, contra a ingerência dos estrangeiros dentro da vida de cada povo.

Não estamos já na altura em que as pessoas vão tendo experiênciazinha num país pobre para ajudar aqui e ali. Realmente eles para ajudar têm imensa gente, são muito mais capazes, têm muito mais espírito, sabem como é que as coisas funcionam, têm outra atitude, o que eles não podem aceitar e a revolta é imensa, é a violação da sua própria dignidade e daquilo que é a sua própria maneira de viver.

E isto é gravíssimo e eu gostaria de dizer que era sobre isto que eu gostaria que o Papa tivesse falado porque o Papa tem ainda mais informação do que eu tenho, como é óbvio, e portanto conhece, sabe quem são as agências, sabe quem são as pessoas e os países que são responsáveis por esta acção.

Sabe-se perfeitamente que são os Estados Unidos que têm estado na frente desta batalha e que têm definido a redução da população global do mundo como seu objectivo estratégico número 2, o primeiro sendo o equilíbrio dos armamentos relativamente aos outros poderes nucleares) e essa violação da dignidade humana e dos direitos de cada povo é o que ressalta de uma forma violentíssima dessa conferência do Cairo, de tal maneira que o que se diz é que é impossível para muitos países do sul continuar com o grau de proliferação que as pessoas têm porque há uma miséria enorme que se lhe segue e há uma incapacidade, uma violência, um sofrimento que todo isso causa mas somos nós, dizem eles, que temos de encontrar o nosso próprio caminho. Como referi é automático por um lado com a educação das mulheres e por outro lado também desde que haja serviços de saúde básicos é aí desses serviços de saúde que pode haver a integração do que hoje se chama a saúde reprodutiva das mulheres e dentro disso de programas especiais do planeamento familiar.

Ora o planeamento familiar foi feito por muitas dessas agências internacionais, como nós dizemos, à sombra das árvores. Havia, por exemplo, produtos injectáveis, as mulheres estavam em bicha e eram-lhes dadas coisas, sem educação nenhuma.

Por exemplo para tomarem a pílula dos contraceptivos, levavam uma quantidade e explicavam como é que devia ser, mas as mulheres evidentemente com uma vida duríssima de trabalho, etc, não tomavam num dia e no dia seguinte tomavam o dobro.

Não há educação que permita que isso se faça de uma forma orgânica e muitas vezes na Índia isso foi claro e continua a ser infelizmente, tem havido a experimentação de novos produtos como agora os implantes também nos países do Sul antes de serem utilizados nos países do Norte.

E por exemplo os implantes contraceptivos só podem ser postos por médicos e podem ter uma duração até 5 anos, têm muitos efeitos secundários, isto não quer dizer que não venham a ser utilizados e por isso mesmo têm que ser seguidos por um médico mas como é que isto é possível?

Para vos dar uma ideia do que é o número em termos de médicos. Nós sabemos como que são os serviços médicos em Portugal. Apesar de tudo os serviços médicos em Portugal representam, em termos de médico por número de habitantes, cada 490 habitantes de Portugal tem 1 médico. Nós estamos entre os melhores: o Canadá, depois a Noruega e estamos logo ali entre os melhores.

Nos países do hemisfério Sul, 1 médico para 7.000 habitantes. Nos países de África, 1 médico para 36.000 habitantes. Vocês sabem como estão os nossos serviços, agora vejam qual o acesso aos médicos que têm as populações dessas zonas do mundo.

E por isso é que essa questão toda do planeamento familiar é completamente irrelevante nesse contexto, é um problema secundaríssimo, de técnica, é dizer como se trata a tensão arterial elevada, trata com diurético ou trata com uma outra coisa que vai directamente ao coração.

É uma técnica que é lançar um quadro muito mais vasto que é o quadro da saúde e dos meios necessários à saúde.

Neste contexto feita uma proposta que havia sido sugerida neste relatório que referi há bocado do programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que é uma proposta muito interessante. É dizer que os países do Norte têm de ajudar os países do Sul, mas com o compromisso dos países do Sul a que gastem 20% do seu orçamento nos sectores sociais da educação e da saúde, com o compromisso da parte dos países do Norte em que toda a ajuda ao desenvolvimento deve ser também de 20% para a saúde e para a educação.

Ora, nem uns nem outros aceitaram, nem os países do Norte nem a maior parte dos países do Sul. Os países do Norte porque cada um quer manter o seu feudo e quer ter através dos expatriados que lá tem quer ter o controlo de como se passam as coisas nesse país (alguns não são todos).

Os países pobres porque a sua maior despesa não é do domínio social; a maior despesa são as armas, a defesa, porque os países do Sul, a África em particular, gastam em armamento mais do que tudo o que recebem para o desenvolvimento. Portanto nós estamos aqui face a situações que afinal nos levam a

A cimeira do desenvolvimento social. E agora é mais o futuro imediato que não quero deixar de indicar: em Outubro vai ter lugar em Copenhague uma cimeira de desenvolvimento social que foi considerado um dos acontecimentos mais importantes da vida internacional.

As questões que estão na ordem do dia dessa cimeira são a pobreza, o emprego e a integração social e quem teve essa ideia, quem está a tentar pôr em pé com muitas dificuldades evidentemente, é um chileno notabilíssimo que esteve no ----- durante muitos anos e que depois da restauração da democracia no Chile foi

nomeado embaixador do Chile nas Nações Unidas e que é um homem notável.

É muito importante a gente sentir pelo mundo fora as pessoas que tiveram em determinado momento um percurso semelhante, que se cruzaram, depois passaram as décadas e depois voltam a encontrar-se e voltam a descobrir que estão a seguir a mesma linha, a mesma trajectória. Acontece-me imenso com este ---- que é um dos membros da minha comissão e que eu tinha convidado para ser membro da comissão e que nos conhecemos desde o tempo de Paulo Freire e é interessantíssimo ver que nem precisamos comunicar porque há uma linha que tem a sua lógica e mesmo que a gente esteja a trabalhar em pontos de aplicação que são completamente diversos e relativamente aos quais não tivemos uma concertação prévia, justamente essa lógica permanece e ele tem sido fantástico neste trabalho. Vamos a ver o que é que se consegue pois será uma cimeira com chefes de estado e não sei o que é que se vai conseguir. Uma das grandes tentativas é justamente o tentar estabelecer estratégias económicas específicas contra a pobreza, é conseguir uma outra definição, uma outra perspectiva relativamente ao emprego mostrando como (e entretanto ver por exemplo que há mulheres mesmo no mundo ocidental que estão a tentar mostrar como a actividade do trabalho não se esgota na noção de emprego, um pouco o que vimos, algumas de vocês viram no relatório da mudança estrutural, por exemplo uma mulher notável da geração dos 40 anos que é a ----- em França, que foi ministra do trabalho dos governos socialistas e que está a trabalhar fortemente nessa linha, procurar outra noção de actividade, outra noção do trabalho, e o emprego tradicional que conhecemos e a que estamos ligados não é senão um aspecto particular disso.

Evidentemente tanto pobreza como emprego ou um conceito de trabalho tem um significado muito grande no que diz respeito à integração social de que hoje tanto se fala relativamente à situação que se conhece de marginalização dos grupos dentro de cada sociedade e zonas inteiras do globo.

Que interrogações é que esta conferência levanta já neste momento? Houve uma proposta dos países do Sul, o chamado grupo dos 77, que eram na época os não alinhados, e essa tentativa não está a encontrar eco, evidentemente, nos países industrializados.

Países industrializados que neste momento não são só os europeus, neste momento tem o Japão, a Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e começa a ter a Malásia, a Tailândia e daqui a pouco a Indonésia porque todos têm vindo por arrastamento dentro do grande crescimento económico a fazer parte dos países industrializados, o México que neste momento já faz parte dos países altamente industrializados.

O que há aqui de interessante desta conferência e desta preparação é uma noção que eu acho muito interessante, palavras que emergem em vários sítios e emergem de forma muito claro. Isto vai ser uma cimeira, vão estar os chefes de estado, mas eles dizem é uma cimeira das pessoas <sup>3</sup>people summit<sup>2</sup> e um dos documentos é colocar as necessidades das pessoas no centro das políticas.

E voltamos à ideia de uma economia ao serviço das pessoas. A ideia de um novo contrato social, a uma ideia de uma agenda para as pessoas, uma ideia do estatuto da mulher como factor condutor de toda a transformação social e capaz de provocar essa transformação social.

E depois é no plano da metodologia uma aproximação dos problemas cada vez mais integrada e menos sectorial.

E isso parece-me ser ao nível filosófico, uma das transformações mais radicais do pensamento de certa maneira não é provocado, mas tornado visível através dessas conferência.

E desta cimeira ainda em 95 vai-se para a conferência de Beijing que será a conferência das mulheres. Essa conferência será sobre a paz e a contribuição das mulheres para a paz e para o desenvolvimento e contra a violência em relação às mulheres, etc. desfoca quanto à problemática, põe as mulheres todas juntas num sítio a tentar ver quais são os nossos problemas quando a dinâmica geral já é outra neste momento, já é uma em que as mulheres conseguiram furar a dinâmica do conjunto.

É claro que haveria um argumento e eu sou capaz de o defender, haveria um argumento para dizer mas é indispensável que as mulheres façam ---- não é evidente que ao nível da representação governamental as mulheres em Beijing venham trazer as questões de ponta e a novidade e o radicalmente diferente que de certa maneira seria necessário esperar.

Mas há outra coisa que me parece ainda mais importante: é que ao longo destas conferências se foi falando sempre da importância das mulheres, do estatuto das mulheres e depois surgiu nos documentos oficiais uma palavra que <sup>3</sup>empowerment of women<sup>2</sup>. Isto quer dizer dar poder jurídico, uma expressão jurídica que se pode traduzir justamente em conceder os direitos.

E o que é curioso é verificar é que todos os representantes dos vários países, em alguns casos os ministros, noutros casos os diplomatas, a falarem de *empowerment of women* quando a gente sabe que são indivíduos absolutamente discriminadores em relação às mulheres mas falam daquilo como se fosse uma receita mágica e foi também muito divertido os diplomatas pela primeira vez a falarem sobre a sexualidade. Nesse aspecto foi muito curioso, mas o que eu acho muito importante nessa questão do *empowerment of women* é que, como em tudo o mais no tempo em que nós vivemos, em que as mensagens são constantes e instantâneas, toda a gente usa a mesma palavra e antes que a palavra se torne efectiva, ela já está gasta, antes que ela tenha trazido todos os seus frutos, ela já deu, já se esgotou.

E mais, parece-me extremamente importante que justamente Beijing terá um sentido enquanto que conferência das mulheres, esse processo de *empowerment* seja um processo como a rede do Graal no ano passado trabalhou sobre isso, seja um processo que parte do poder enquanto dimensão da vida humana e não um poder que está de fora e ao qual se tem acesso.

Parece-me muito importante que se volte a trabalhar isso aqui no Graal porque acho que isso tem imenso significado neste momento, é politicamente oportuno.

E nesta roda das conferências das Nações Unidas chego à última desta série, em 1996, em Istambul, que será uma conferência sobre o Habitat, isto é, sobre a habitação, sobre as cidades. Isto porque até mesmo as cidades que referi há pouco, são um problema cada vez maior.

O movimento para as grandes cidades continua, não me parece, para além das duas cidades S.Paulo e México, que se venham a ultrapassar muito os 14 milhões (o México tem 18 milhões nesta altura, chegará aos 30 o que

é realmente uma coisa louca, S. Paulo irá até aos 15 ou 16 milhões, as outras cidades que já são cidades grandes não manifestam nos últimos 3 anos tendência para aumentar as que estão na mesma ordem de grandeza (Tóquio, Pequim, Nova Iorque) mas têm tendência para aumentar as que são ainda cidades intermédias, cidades de 3 milhões e 4 milhões ainda vão aumentar porque está a processar-se constantemente o êxodo do mundo rural para o mundo urbano.

Ora esta última conferência de certa maneira será o fecho de uma série em que se espera que alguns tabus tenham sido ultrapassados e algumas questões tenham sido levantadas e vão tendo resposta.

Evidentemente que tudo isto tem a tal questão da inacção e do custo da inacção. Podem-se iniciar as coisas e elas não serem realizadas.

Ora nisto tudo o que é o vector determinante, o que é que eu considero determinante, e mais uma vez refiro-me às Nações Unidas por simplicidade porque evidentemente isto trabalha a sociedade e resulta da sociedade.

Em primeiro lugar os direitos do homem. Os direitos do homem aparecem como um factor chave que tem que ser repensado, re trabalhado, equacionado.

Todos os grupos têm de evoluir necessariamente para outros grupos e têm que incluir todas as situações.

Foi interessante ver, por exemplo no Cairo, que os Estados Unidos defendiam esta expressão dos *direitos reprodutivos das mulheres* como um direito novo, um direito que precisava de ser consignado enquanto direito.

Questão a que o Vaticano respondia dizendo que era sempre perigoso direitos novos porque esses direitos podiam vir comprometer a ordem das sociedades, e mesmo vir a comprometer os direitos já existentes.

Os Estados Unidos iam dizendo que não e a discussão continuou e uns dias mais tarde o ponto em discussão é o direito de reunião das famílias com os trabalhadores emigrantes, isto é a fronteira estar aberta não só ao trabalhador que vem mas também à sua família e os Estados Unidos recusam este direito como um direito novo porque poderia ser perigoso para os direitos já existentes e poderia comprometer radicalmente esses direitos. O Vaticano defendia o novo direito de reunião.

Isto é: há aqui um elemento de oportunismo que é muito importante mas é muito verificado.

Mas estes direitos que são os direitos de novas situações, são novos grupos de novas situações. Parece-me muito importante tentar ver até que ponto é certo ou não, se é justo ou não consignar esses direitos.

Um exemplo só de uma coisa que tive que fazer na semana passada e que justamente não é transparente que os direitos tenham que ser todos consignados.

Estou a presidir a um grupo no Conselho da Europa sobre a tal ideia da democracia paritária, a que se chama pomposamente *Igualdade e Democracia* e a pessoa que fez o trabalho de base sobre isto, uma professora de Ciências Políticas da Universidade de Estrasburgo, uma francesa, queria absolutamente que se pusesse que todas as instituições da sociedade tinham que ser constituídas a 50% de homens e 50% de mulheres. Isto era a única maneira que ela tinha de garantir que o plano político fosse totalmente paritário. E realmente a mim que não me tinha nem sequer passado pela cabeça que uma coisa dessas pudesse ser transponível para toda a sociedade, recuei.

Começou em Lisboa uma associação que se chama uma Associação Paritária em que as senhoras que a compuseram e que tiveram essa ideia resolveram levar os maridos para ser uma associação paritária. Realmente não se vê muito bem qual é a originalidade de um processo destes.

Não vamos fazer uma associação paritária justamente tentando constituir um direito e dar força a um direito sem ver todas as consequências que esse direito tem, mas penso que este vector dos direitos humanos vai ser um vector constantemente aberto e a ser trabalhado nos próximos anos e nas próximas décadas com certeza.

O último ponto é um salto radical desde o fim dos anos 70 e princípios dos anos 80 até agora, quanto à consciência deste conjunto de problemas. Em 1980 estava-se a discutir nas N.U. a terceira estratégia internacional do desenvolvimento e o Waldheim convidou-me para ir presidir a uma mesa redonda sobre se havia uma estratégia alternativa do desenvolvimento. Eramos umas 12 pessoas, em que estava presente, nessa altura, o presidente do Banco Mundial e uma série de pessoas.

Foi muito interessante mas devemos ter dito tais coisas que o relatório nunca circulou, ficou na gaveta, porque devia ser completamente abstruso. Ora acontece que o relatório tinha muitas das coisas que estão a ----- isto até porque muitas das pessoas que lá estavam metidas na engrenagem tinham obrigação de conhecer as coisas e hoje a gente vê em 94 que aquilo que há 14 anos era apenas uma fantasia ou tido como fantasia das pessoas A,B ou C aparece agora com direito de cidade.

E mais uma vez remeto para este relatório, que é um relatório que parte de um conceito de base, que é o conceito de segurança humana, e vemos que hoje a segurança não é já nem só a segurança nuclear mas é a segurança humana.

É uma segurança e dizemos aqui, para a maior parte das pessoas o sentimento de insegurança nasce das preocupações sobre a vida quotidiana muito mais do que sobre um possível cataclismo mundial. E a sua insegurança está nas suas interrogações: será que as suas famílias terão comida suficiente para viver? Será que vão perder o emprego ou não vão ter nenhum emprego? Será que as ruas e os bairros estão livres do crime? Será que se manifestam a sua opinião vão ser torturados num estado repressivo? Será que se vão tornar vítimas de violência porque são mulheres? Será que a sua origem religiosa ou étnica os torna objecto de perseguição ou de limpeza étnica?

Isto remete para um trabalho excelente feito por dezenas de pessoas sobre as várias dimensões da segurança humana. Segurança ao nível muito concreto do comer, do beber, da casa, daquilo que é essencial, até à segurança que é a capacidade de a pessoa se situar bem face aos outros e à sua própria história.

Paralelo com esta noção de segurança, uma outra noção que me é a mim muito cara e na qual tenho estado a trabalhar, que é a noção de qualidade de vida que os escandinavos tinham desenvolvido na década de 70 e que eu julgava que era uma noção muito elitista e qual tem sido a minha surpresa ao chegar a regiões do mundo caracterizadas por pobreza e ver as pessoas a falar do que desejam como qualidade de vida. Isto é, no fundo, há uma aspiração a qualidade que sem dúvida passa pela quantidade mas é muito mais do que isso.

Já contei a algumas de vós que quando cheguei ao Zimbawé, em Arare, que tinha organizações não governamentais vindas de todo o país, tinham feito um enorme dístico na sala em que falavam de imensas

coisas, da sua dívida externa, do seu não acesso à água potável, duma quantidade de coisas e o dístico dizia <sup>3</sup>nós merecemos uma melhor qualidade de vida<sup>2</sup>.

E realmente para mim foi assim <sup>3</sup>mas afinal a qualidade de vida é muito mais do que aquilo que se pode pensar como extra nas sociedades já altamente industrializadas<sup>2</sup> e fiz na comissão que presido um *brain storming* a seguir ao almoço perguntando: afinal o que é para cada um de vós a qualidade de vida. Os meus colegas são pessoas do mundo político, do mundo académico e as questões vieram desde qualidade de vida é segurança, é segurança mínima, o dia de amanhã é possível, até à noção do que é a harmonia da vida connosco mesmos e com os outros e com aquilo que nos rodeia que garante essa qualidade de vida.

Parece-me que se está a caminhar por isso para uma noção que está muito para além das simples necessidades económicas ou necessidades básicas como dizíamos nos anos 70. Um terceiro ponto que já referi há pouco, filosoficamente fundamental que é a questão da interdependência de todas as coisas e da intersectorialidade do trabalho.

Nada é completamente independente. Tudo é dependente, tudo tem a ver com tudo e quando estava em Deli comecei a reunião a explicar o que é que a Comissão pretendia e o que estávamos a fazer, referi isto mesmo e vi um sorriso entre as pessoas. Continuamos a trabalhar pensando <sup>3</sup>o que é que isto quer dizer?<sup>2</sup> e no fim eles disseram <sup>3</sup>a senhora abriu-nos a porta porque falou-nos da intersectorialidade, de tudo ter a ver com tudo, e a nossa cultura é isso; o que nós rejeitamos é a vossa cultura especializada e coisas compartimentadas. Nós o que queremos é a salubre circulação do conhecimento.<sup>2</sup> E de facto, das coisas mais interessantes que escutei até agora, vieram daquela gente.

A noção de população: quando os demógrafos vêm com grandes números sobre a população e os problemas de população e uma rapariga do Bangladesh dizia <sup>3</sup>mas oiçam as mulheres, as mulheres têm filhos não têm população<sup>2</sup>. Justamente não há relação nenhuma entre um discurso sobre a população e ter um filho; é uma coisa completamente diferente. Houve frases deste género duma riqueza enorme o que significa uma enorme liberdade face às especialidades tradicionais e isso precisa de uma criatividade muito grande mas que é o pensamento aqui activo.

Um quarto vector que é óbvio naquilo que estive a dizer até agora, são as mulheres como força social. Para nós é óbvio mas eu acho que tenho a obrigação de dizer, não só na própria afirmação das mulheres enquanto tais, da sua força, da sua identidade, mas pela primeira vez aparecer no plano internacional as mulheres a reformularem os problemas, em reconhecer que as mulheres o fazem de um modo diferente do modo tradicional.

E quando digo *modo tradicional* não digo o *modo dos homens*, digo *modo tradicional* na medida em que muitas mulheres estão de certa maneira assimiladas à cultura masculina em que foram criadas, na maior parte infelizmente.

O quinto aspecto que eu acho fundamental como vector de toda esta agenda mundial é a noção de sociedade civil. É uma noção extremamente rica e muito desenvolvida na América Latina e no Sul da Ásia e no Sudeste Asiático.

Como contei estive há 3 semanas nas Filipinas com os representantes do Sudeste Asiático e encontrei gente com uma convicção tão profunda relativamente à sociedade civil que me deixou estupefacta.

Uma mulher de 41 anos indonésia, antropóloga e casada com um sociólogo, veio como representante de uma Organização Não Governamental, uma organização de defesa dos direitos humanos, e perguntei-lhe qual o trabalho profissional em que estavam envolvidos no seu país. Ela olhou-me com espanto e disse-me <sup>3</sup>mas o nosso trabalho é este; diga lá que maior importância poderia ter outro de trabalho profissional face àquilo que estamos a fazer?.

Claro que entretanto ela me tinha dito aquilo que pensava e o que estava a fazer como indonésia face à situação de Timor Leste, entre outras coisas, e que eram de uma coragem que me deixou boquiaberta. Como é possível dizer o que ela disse, dizer em privado, mas depois dizer algumas coisas também em público, quando era uma sessão aberta, e ela não teve receio de dizer que estão num Estado repressivo, um Estado que viola abertamente os direitos humanos e que isso se torna muito claro na violação dos direitos do povo de Timor-Leste. Dizer isto calmamente e com clareza achei espantoso.

Uma outra da Tailândia, que tem 29 anos, assistente social, o marido sociólogo e ambos estão só em diferentes ONG, trabalhando ela numa coisa apaixonante e fez uma apresentação que foi um testemunho fantástico.

Trabalha com as mulheres da Tailândia que estão no comércio do sexo.

O problema dela é tentar impedir numa primeira etapa, depois tentar seguir as que podem ser seguidas e tentar reajustar à sociedade. Isto com 29 anos.

Achei espantosa a confiança que todos manifestaram mas essas em particular, justamente nessa potencialidade da sociedade civil.

Isso já tinha também encontrado na América Latina onde as pessoas com mais interesse estão na sociedade civil, estão nas estruturas da sociedade civil, não sabia que na Ásia as coisas estavam tão fortes.

O que há aqui neste aspecto de uma sociedade civil é uma transformação conceptualmente radical e ela é expressa a meu ver da forma mais interessante por um brasileiro, <sup>3</sup>o Betinho<sup>2</sup> que não sei se têm lido nas revistas, que é um homem que tem conduzido a campanha contra a fome no Brasil e que fez apelo às pessoas fazendo apelo à cidadania.

No momento em que o Brasil começou fazendo um caminho democrático, ele começa a dizer que a cidadania não é o voto, a cidadania são as pessoas que... e começa a contar histórias na rádio e na televisão, de pessoas que morrem de fome. Isto dá origem a um movimento que tem neste momento no Brasil 32 milhões de aderentes e que é a Campanha contra a Fome. Em que há tudo quanto é possível, de iniciativas mais incríveis, todas elas espontâneas, isto é, não têm nenhuma estrutura organizativa, tendo claro uma pessoa com um carisma espantoso, uma pessoa muito doente, um hemofílico, está contaminado, dois dos seus irmãos já morreram, também eram hemofílicos, e ele diz que não tem tempo para morrer, por isso é que não morreu ainda. É um homem extraordinário, mas esta noção que ele não elabora intelectualmente mas que defende <sup>3</sup>a cidadania é matar a fome<sup>2</sup> é qualquer coisa que pode não dizer nada mas a mim diz-me imenso. E acho que é

um abranger de uma presença na cidade dos homens que é extremamente importante.

Estou a falar do estrangeiro mas não posso deixar de dizer sobre a sociedade civil, uma das obras mais importantes que eu conheço no mundo é o livro do Boaventura Sousa Santos, <sup>3</sup>Pela Mão de Alice<sup>2</sup>. É um contributo muito importante. No Brasil é lido como inspiração para essas transformações, esses aspectos da sociedade civil.

Um sexto vector é a própria reforma das instituições. E isso neste momento toda a gente acha que tudo tem de ser mudado. Aquele clima que se respirou em Portugal a seguir ao 25 de Abril é o que se respira nas organizações internacionais. Tudo tem que ser mudado, tudo deve ser mudado. Claro que a gente não sabe quando chegar a hora de mudar quem são as pessoas capazes de mudar e que aceitam que as coisas sejam diferentes. Mas existe neste momento uma apetência, um desejo muito grande de que as instituições sejam capazes de lidar com este conjunto de problemas.

E finalmente é o último ponto, o último vector, há um lugar novo do religioso na agenda mundial. Há nas suas formas perversas, as coberturas de seita para os indivíduos que fazem o branqueamento do dinheiro da droga como foi o caso da Suíça e do Canadá, outros tipos de seitas que apareceram, há integristas violentíssimos como o que se está a passar na Argélia, por exemplo e são formas perversas do religioso.

Mas acho que essas formas não nos devem impedir de ver que o modo como se vive no mundo hoje e a cultura que hoje se está espalhando como uma mancha de azeite em todos os continentes, porque a apetência dos pobres é serem como os ricos. Exactamente da mesma maneira e eu não conheço, ao nível do comércio, das lojas, nada de mais requintado do que as grandes lojas do Rio de Janeiro ou de Manilla, não conheço nada no ocidente que seja comparável ao requinte, ao luxo, não conheço nada de coisas tão caras e tão variadas como no aeroporto de HongKong ou de Banguécoque e a quantidade imensa do que está à venda que é uma coisa inacreditável, que é uma agressão das pessoas a dizerem-nos <sup>3</sup>nós queremos o mesmo que vocês têm e se possível melhor, se possível ainda mais, em maior quantidade.

E como para isso há qualquer coisa, que é um discurso que começa a ser intelegível, das religiões.

A rapariga da Tailândia de que falei há pouco no meio da sua explicação, com muito sentido de humor, com muita graça, etc estava a falar das Tailandesas, dentro da prostituição se iam para esta zona, se iam para aquela, com muitos gráficos, com muitos números, com muita coisa...<sup>2</sup> e tenho uma questão fundamental<sup>2</sup>. Ficou toda a gente <sup>3</sup>o que será a questão fundamental?<sup>2</sup> E ela pôs no quadro <sup>3</sup>O que pensa Deus de isto tudo?<sup>2</sup> E isto foi a interlocução a uma discussão que nunca tínhamos tido naquele enquadramento sobre o que é afinal a aspiração profunda das pessoas face ao outro lado da sua vida que é o lado da interrogação, não é só de carência, mas de pergunta, de tentativa de captar alguma coisa que está para além de todas essas coisas concretas, materiais, de que estamos falando e aí sim o imenso que o cristianismo, e em particular o catolicismo, tendo sido colonizado pela civilização ocidental de uma maneira violenta, quase conduzindo ao que é a adulteração do fundamento da grande raiz do cristianismo e que se calhar temos que perceber bem o que vem de interrogação religiosa e de afirmação religiosa de outras culturas e de outros continentes para podermos nós próprias olharmos de outra maneira e redescobriremos de outra maneira o religioso na nossa própria tradição.

E penso com o Hans Kung no seu livro de Teologia para o Terceiro Milénio, penso que realmente esta mudança radical no mundo, todos estes acontecimentos não são senão pequenas achegas, pequenos sinais, que nem sequer, se calhar, terão realização política, essa mudança radical acho que só pode realizar-se através de um religioso que transforma o que se passa na vida das pessoas e que o resto são coisas feitas de nós para fora e que poderão significar um lugar em que isto já não é aqui mas ali, mas Pque anterior a isto há outra coisa que está constantemente a ser interpelado e que é muito mais forte e que é justamente esse sentido do religioso na vida.

Acho que neste momento, não como uma fuga, não como um recurso, mas como a inspiração e o motor de todas as coisas.

E para mim tem sido fantástico poder encontrar isso em gente mesmo nas mulheres como uma das indonésias com o véu muçulmano, ou no Cairo, raparigas giríssimas, estudantes universitárias que foram voluntárias no estádio das ONG's e uma delas estava no stand da minha Comissão e com quem tive uma conversa, depois vieram outras, umas estavam com véu e outras sem véu e eu perguntava <sup>3</sup>mas porquê o véu? porquê as mangas até aqui?<sup>2</sup> E elas diziam <sup>3</sup>Para nós isto é uma maneira de nos lembrar em cada momento que Deus existe e que Deus está presente<sup>2</sup>. <sup>3</sup>Percebe o que isto quer dizer?<sup>2</sup> perguntou-me uma delas.

Pode fazer-se o discurso feminista sobre o véu e sobre uma quantidade de coisas mas não posso dar de barato aquilo que é uma atitude séria e as raparigas são normais e que têm um conhecimento do pensamento como aquele que nós temos. E por isto são questões que ficam de pé e que são muito importantes neste momento, no mundo inteiro.

Que significado para o Graal?